



ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO

ATA DA 1ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DE TRABALHO DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DA ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO

O Conselho Administrativo aprova a realização, em conjunto com a Fundação Armando Álvares Penteado, da mostra Todos Somos Um, reconhecendo-a como atividade comemorativa dos dez anos da lei de criação da ESMPU. Para registro e memória, constam da ata as manifestações da senhora Celita Procópio de Carvalho, presidente do Conselho de Curadores da FAAP, do senhor Antônio Fernando Barros e Silva de Souza e do senhor Rodrigo Janot Monteiro de Barros, Procurador-Geral da República e Diretor-Geral da ESMPU, respectivamente, no ato da abertura solene da mostra, no edifício-sede desta Escola, no dia 3 de setembro de 2008, às 19 horas. **Pronunciamento do Dr. Rodrigo Janot Monteiro de Barros:** *Escolhemos a frase “É criminoso discriminar” para acompanhar todas as atividades que celebram os dez anos da Escola e os vinte anos da Constituição. Seguindo o lema, foi idealizada essa mostra. Mais uma vez a ESMPU escancarou suas portas à comunidade e torna-se mais que uma Escola do Ministério Público. Passa a ser um espaço de reflexão sobre como identificar e combater as condutas discriminatórias e de exclusão em nossa sociedade. Nas obras aqui expostas, tão contundentes, observamos a atitude corajosa de quem encontrou na arte uma forma de combater as inaceitáveis práticas discriminatórias, muitas vezes insidiosas, ocultas, mascaradas. Precisamos estar atentos. Como disse o escritor e dramaturgo Bertolt Brecht: “Pedimos encarecidamente que não considerem normal aquilo que sempre acontece”. Agradeço à FAAP pelo monumental apoio e pela excelência na organização da mostra. Muito obrigado.* **Pronunciamento da Sra. Celita Procópio de Carvalho:** *Dante, quando adentrou o inferno, lembra Olavo Bilac em seu Boletim da Liga da Defesa Nacional, ainda no vestibulo da morada dos eternos castigos, antes de visitar o vórtice dos nove círculos horríveis, encontrou uma triste multidão, cujos longos gemidos ressoavam no ar escuro, na temerosa noite em que não ardiam estrelas. Eram as sombras dos “sem alma”, dos neutros, dos indiferentes, dos que vivem sem merecer nem louvor nem desprezo. A FAAP nunca foi neutra ou indiferente à idéia fundamental de que todos nascemos iguais. O preconceito é uma parede que se interpõe entre a ignorância e a sabedoria. Esta é filha do tempo; a ignorância é filha das idéias preconcebidas. Assim como é mais nobre ter coragem quando somos minoria, também há mais nobreza em ser tolerante quando somos maioria. Quem ama a humanidade não tem tempo de julgar as pessoas. Matias Aires (1705-1763), em seu livro Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens, lembra que os seres humanos nascem iguais: um mesmo e igual princípio os anima, os conserva, os debilita e, um dia, acaba. Somos organizados pela mesma forma, e por isso estamos sujeitos às mesmas paixões e às mesmas vaidades. Para todos nasce o sol; a aurora a todos desperta para o trabalho; o silêncio da noite anuncia a todos o descanso. O tempo que invisivelmente corre, e se distribui em anos, meses e horas, para todos se compõe no mesmo número de instantes. “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. O imortal Fernando Pessoa sugere, com esse verso, que as coisas difíceis de serem realizadas, quando tornarem-se fáceis e possíveis, só poderão ser edificadas por aqueles que sonharam. É direito legítimo da FAAP sonhar com um mundo mais justo e mais humano, no qual as desigualdades não sejam alarmantes. Ainda fez eco na modernidade a fala de Terêncio: “Sou um homem; não considero nada alheio a mim”. Em outros termos: “Nada do que é humano é alheio a mim”. Lutemos para que, no futuro, na*

*linguagem bíblica, o lobo paste ao lado do cordeiro, em um mundo de paz e de irmandade universais. **Pronunciamento do Dr. Antonio Fernando Barros e Silva de Souza:** Somos todos iguais mesmo sendo diferentes. Diferentes em gênero e cor; em crenças e credos; em etnia, cultura, língua, voz, sotaque, altura. Em sonhos e realidade, em tese e na prática somos todos diferentes. Não seria para menos, pois somos 46 cromossomos formados por inúmeros genes capazes de combinações quase infinitas que se desenvolvem em outras incontáveis possibilidades de relações humanas e em múltiplas (paralelas ou concorrentes) ambiências naturais. T tamanha diversidade não esconde (não pode esconder) a nossa igualdade básica em direitos e dignidade, em respeito e consideração. Não escapamos à gravidade ética da sempre mesma seiva humana que nos une a todos numa espécie de joint venture universal e de comum destino. Mas aqui é preciso cuidado, pois toda discriminação que faça da diferença um agravo a essa igualdade básica de ser e do existir humano é uma violação à própria humanidade. Não há ética que a tolere nem direito que a sustente. A Escola Superior do Ministério Público da União e a Fundação Álvares Penteado em boa hora apresentam ao público um trabalho crítico, denso e comovente, que reflete essa consciência de repúdio às atitudes discriminatórias, fazendo eco à luta constante dos membros do Ministério Público em prevenir e reprimir as condutas de discriminação, sob qualquer pretexto ou forma, desde as mais explícitas às que se disfarçam em gestos de hipocrisia ou correção. Pois somos todos diferentes, mesmo sendo iguais. De maneira que é mais que antiético, insano ou infeliz, é criminoso discriminar!* Após a visitação à mostra, encerrou-se a reunião extraordinária que contou também com a presença do Dr. Otávio Brito Lopes, Procurador-Geral do Ministério Público do Trabalho, do Dr. Leonardo Azeredo Bandarra, Procurador-Geral do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, e da Dra. Cláudia Márcia Ramalho Moreira Luz, Procuradora-Geral do Ministério Público Militar.

